

TONICIDADE E RITMO NA LÍNGUA PORTUGUESA SEGUNDO JOSÉ REBOUÇAS MACAMBIRA

José Alber Campos Uchoa*

Este artigo tem como principal objetivo divulgar um dos pontos menos conhecidos da obra fonológica de José Rebouças Macambira, o que diz respeito ao **ritmo binário**, abordado em *Fonologia do português* (2ª edição, 1987, páginas 191 a 195). Feita a apresentação dos conceitos e mecanismos tratados no livro, comenta-se e estuda-se suas conseqüências e aplicações.

Utiliza-se em parte das transcrições a notação ortográfica comum, com as sílabas separadas por pontos e os núcleos das sílabas fortes marcados por acento agudo, como faz Macambira, grifada a sílaba tônica do vocábulo; nas transcrições fonéticas (entre colchetes) e fonêmicas (entre barras inclinadas), utilizam-se os símbolos do Alfabeto Fonético Internacional. Nas referências a graus de tonicidade, empregam-se algarismos: de 5, para a tonicidade máxima, a 0, para a mínima, quando há enurdecimento da vogal.

Embora a **intensidade** seja apenas um dos correlatos físicos do **acento** em português, ao lado da **frequência** ou **altura** (responsável pelo tom) e da **duração**, sendo este último, conforme MAJOR, “o principal correlato físico do acento em português” (MASSINI-CAGLIARI, 1992, p. 15), os manuais de ensino teimam em falar de **acento tônico**. Dizem que o acento “musical” do latim, determinado pela frequência das ondas sonoras, tornou-se, nas línguas românicas, “de intensidade”, dependente da maior força expiratória aplicada ao segmento silábico. O acento (lexical) tem na língua portuguesa valor fonêmico: distingue, por si, vocábulos; interfere na distribuição dos fonemas vocálicos, cujo número varia, conforme sejam pretônicos, tônicos ou átonos finais de palavras; envolve-se em fenômenos atuantes em grupos de palavras (fonotáticos). Entretanto, só a tonicidade lexical é vista tradicionalmente — isto é, revista, a partir de modelos greco-latinos — na classificação dos vocábulos (proparoxítonos, paroxítonos, oxítonos; monossílabos tônicos e átonos, ou clíticos) e na formulação de regras para o uso dos acentos gráficos.

Roy MAJOR (1985, p. 259) diz que poucos estudos existem sobre o sistema de acentuação do português brasileiro. Refere-se a Eleonora Motta MAIA (1981), que utiliza a teoria métrica e estuda o ritmo, e a Joaquim Mattoso CÂMARA JR. (1969 e 1972), que “usa dados impressionísticos da acentuação percebida para propor três graus de tonicidade”. Mattoso Câmara vale-se dos graus de acentuação para delimitar o **vocábulo formal** no interior dos grupos de força.

Em estudo que abrange a gradação dos acentos e demonstra a distribuição regular destes nas palavras, útil à pesquisa da variação e da mudança linguística, MACAMBIRA apresenta a teoria do **ritmo binário**, definido como “sucessão regular de sílabas átonas numa seqüência de fracas e fortes a partir da sílaba tônica” (1987, p. 191), como em

pá.ra.lé.le.pí.pe.dó,

em que são **átonas fortes** a 1ª, a 2ª e a 7ª sílabas, e são **átonas fracas** a 2ª, a 4ª e a 6ª.

Prova da eficácia do ritmo binário é o que acontece com as vogais de **silabas externas** (isto é, finais) de vocábulos proparoxítonos: aprende-se que as vogais átonas finais de palavra são **reduzidas**, entretanto, em proparoxítonos (ver o exemplo acima), a vogal da última sílaba é mais forte que a da penúltima, realizando-se as sílabas pré-final e final como **átona fraca** e **átona forte**, respectivamente. Assim, *xicara*, que tem a realização canônica /'i.ca.rá/, pode vir a realizar-se como ['i.kra] ou ['i.ɾka], e podem ser ouvidas as realizações ['kɔska], para *cócegas*, ['kɔ.ka] para *cócoras* ou *cócaras*, ['muzka] e ['muzga] para *música*. O apagamento está ligado aos vários graus de tonicidade, que são também graus de duração, havendo diferença entre o acento da sílaba tônica e o das sílabas átonas fortes, entre o acento da sílaba fraca externa e o acento das outras fracas.

* Professor do Departamento de Letras Vernáculas da UFC.

Para Macambira, duas exceções são feitas à aplicação do ritmo binário: nas palavras proparoxítonas e nas compostas por justaposição. Quanto às proparoxítonas, parece-nos falhar a aplicação do ritmo binário apenas quando padrões silábicos pouco familiares são desfeitos pela epêntese de [i], surgindo palavra sobresdrúxula (acentuada na pré-antepenúltima sílaba). Em *técnico* (p. 193), tem-se a pronúncia / 'tɛ. ki.ni.ku /, com dois grupos rítmicos, talvez para preservar a condição de forte da vogal átona final em outra pronúncia possível: ['tɛ.k. ni. ku]. Às vezes, a palavra torna-se paroxítona pela iotossíncope e a vogal da sílaba externa faz-se fraca, como em / má. te. 'mát. ka /, / 'tò. mu / e / 'mɛ.dɜ. ku / para *matemática, ótimo e médico*.

Na justaposição, o padrão rítmico parece ser perturbado pela memória dos acentos primitivos. Em vocábulos formados com *-zinho* (não se discute aqui se há composição, derivação ou flexão) e *-mente*, o radical primário garante para a sílaba sua sílaba tônica a condição de forte, mas a distribuição de fracas e fortes é variável. Em pronúncias mais cuidadas, prevalecem os acentos primitivos: *rá.pi.da./mên.te, ca.fê./zí.nho, fa.tál./mên.te*; em outros casos, cumpre-se o ritmo binário: *ra.pi.da.mên.te, ká.fe.zí.nho*. Vale observar que, em palavras formadas com estes dois sufixos, é discutível se a tonicidade principal incide sobre a penúltima sílaba; seria interessante verificar, pela medição com aparelhos, quando *-mente* e *-zinho* são, de fato, tônicos.

Para comprovar a afirmação de que "o saber-se que o ritmo de nossa língua é binário facilita muito a leitura de certos vocábulos incomuns ou muito longos" (p. 192), Macambira oferece, entre outros exemplos, *me.té.o.ró.lo.gí.a* e *pe.ri.cu.ló.si.dá.de*. Considera a pronúncia dos vocábulos compostos por justaposição dependente da interseção de dois *saberes*: o etimológico e o rítmico. A fuga à imposição do ritmo binário depende do grau de cultura do falante, isto é, do conhecimento de etimologia, da capacidade de identificar os elementos formadores de um vocábulo. Falantes cultos tendem a dizer *re.cém.fá.le.cf.do* (duas sílabas vizinhas são átonas fortes, desobedecendo à regra rítmica), *sú.pra.re.náis* e *fó.to./no.vé.la* (com duas sílabas fracas consecutivas); outros (inclusive falantes cultos, em certas ocasiões?) dizem *ré.cem.fá.le.cf.do, su.prá.re.náis, fo.tó.no.vé.la*.

Em que medida o ritmo binário interfere em outros fenômenos comumente examinados nos estudos da língua portuguesa? Em que medida valida ou contradiz a gradação de tonicidade proposta por Mattoso CÂMARA JR. (1969 e 1972)? Que contribuição oferece para a determinação de quantos/quais graus de tonicidade são relevantes, fonêmicos, em português? Tentamos, a seguir, prover dados para uma resposta futura a estas perguntas, propondo, para a marcação dos graus de tonicidade os algarismos 5 (em sílaba de tonicidade máxima em vocábulo fonológico), 4 (em sílaba dita *subtônica*, concorrente com a tônica), 3 (em sílaba *átona forte*), 2 (em sílaba *átona fraca interna*), 1 (em sílaba *átona fraca externa*, isto é, final de vocábulo fonológico, cuja

vogal, embora "reduzida" é audível) e 0 (em sílaba *átona fraca, cuja vogal foi apagada*).

Com os exemplos desta marcação, abaixo, tenta-se também mostrar a variação de tonicidade imposta pelo ritmo binário aos cognatos de *articular*:

- (a) *Ar. tí. cu. lá. do*
2 3 2 5 1
- (b) *ar. tí. cu. lá. da. mén. te* (ou *—da.men[t]*)
2 3 2 4 2 5 1 2 5 (0)
- (c) *ár. tí. cú. la. ção* ou *ar [t]*. *kú. la. ção*
3 2/1 3 2 5 2 (0) 3 2 5

Em todos os exemplos, é notável a distribuição de *fracas* e *fortes* "a partir da sílaba tônica", aplicada a regra também nas sílabas que antecedem a sílaba tônica da palavra. Em (c), as sílabas *átonas fortes* tornam-se *átonas fracas*, por imposição da nova tônica, a quinta sílaba. Em (b) e (c), o grau de tonicidade 1 pode tornar-se 0, não mais se realizando a vogal, com a anexação do *resto* da sílaba, a consoante africada [t], à sílaba anterior, ocorrendo *iotossíncope* (apagamento de /i/).

Mais interessantes que os efeitos da iotossíncope (MACAMBIRA, 1987, p. 183) podem ser os da epêntese, quando há interação entre a regra de aplicação do ritmo binário e a tendência à reconstituição do padrão silábico CV. A vogal epentética pode ser promovida a núcleo de sílaba forte, para que se cumpram as exigências do ritmo binário em:

- (a) *ad. mí. ra. dór*
(b) *á. di. mí. ra. dór*
(c) *ád. mí. rá. do*
(d) *a. di. mí. rá. do*

Compare-se (a) com (b) e (c) com (d): Em (b), a vogal da primeira sílaba torna-se forte; em (d), a vogal da segunda sílaba, que nem sequer ocorre em (c), torna-se forte.

Lapsos como o que ocorre em "*eu datilógrafo a carta*", devem ser explicados pela influência do cognato, substantivo. Quando, na conjugação do verbo *optar*, surgem as formas /ɔp.tu/ (cuidada), /ɔp.pi.tu/ (normal) e /ɔp.pí.tu/ (estigmatizada por muitos ouvintes), não devem ter atuado as regras do ritmo binário, mas regras advindas da tendência a recuperar o padrão paroxítono, favorito no português brasileiro. Já o surgimento de pronúncias como /a.d[ɛ].vo.'ga.du/ pode ser explicado pela aplicação do ritmo binário, aliado à recuperação do fone [ɛ], uma vez que a sílaba é forte, em vez de [i], muito comum em sílabas átonas fracas. Neste último caso, após o acréscimo de /i/ para obtenção do padrão silábico CV, os fones são reconhecidos como pertencentes ao arquifonema /E/, sendo [ɛ] resultado do *estado aperiente* das vogais pretônicas (MACAMBIRA, 1987, p. 226-230).

A importância do estudo do ritmo binário para a explicação da forma como se fala em português, para a

segmentação fonológica dos vocábulos, para a compreensão de fenômenos fonológicos diacrônicos — atuantes pelo menos desde o latim “vulgar” — e de fenômenos sincrônicos como a variação geográfica, social e situacional na língua portuguesa parece incontestável. Faltam estudos que investiguem, a partir da teoria do rimo binário, até que ponto tem influência no sintagma (suboracional), que valores pragmáticos e gramaticais pode expressar, em que variedades da língua portuguesa se aplica, em que outras línguas está presente. Urge que sejam aproveitados estes e outros ensinamentos do Professor José Rebouças Macambira.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

1. CÂMARA JR., Joaquim Mattoso. *Problemas de lingüística descritiva*. Petrópolis: Vozes, 1969.

2. ————. *Estrutura da língua portuguesa*. Petrópolis: Vozes, 1972.

3. MACAMBIRA, José Rebouças. *Fonologia do português*. 2ª edição, revista. Fortaleza: Imprensa Universitária da UFC, 1987.

4. MAIA, Eleonora da Motta. “Hierarquia de constituintes em fonologia”. In: *Anais do V Encontro Nacional de Lingüística*, p. 260-269. Rio de Janeiro: Pontifícia Universidade Católica, 1981.

5. MAJOR, Roy C. “Stress and rhythm in Brazilian Portuguese”. In: *Language*, v. 61, nº 2 (1985).

6. MASSINI-CAGLIARI, Gladis. *Acento e ritmo*. São Paulo: Contexto, 1992.